

Economia, Brasil Cenários possíveis para 1998

Miguel Ignatios *

A estratégia inicialmente prevista pelo governo para 1998 de equilibrar o Plano Real no fio da navalha, com modesto crescimento na economia, manutenção da âncora cambial e de juros elevados, modernização da infra-estrutura para apoio logístico às exportações (conjunto de projetos integrantes do Programa Brasil em Ação) e postergação do ajuste fiscal para 1999 terá de ser revista por exigência da imprevisível evolução da economia mundial, após a crise nas principais bolsas de valores, e do recente "pacote" fiscal, com seus ajustes.

Os cenários possíveis para 1998 (recessão adminis-

trável, variando de grau conforme a combinação dos demais fatores) vão depender essencialmente de três variáveis: situação da economia mundial, conseqüências internas (aceleração das privatizações, necessidade ou não de desvalorizar o real e conseqüente impacto de uma ou de outra medida nas eleições) e, por último, a disposição de investir por parte da iniciativa privada nacional e estrangeira em função de eventuais mudanças das atuais regras na relação entre o governo e a sociedade.

Obviamente, em razão da estratégia adotada para o Plano Real até a crise nas bolsas internacionais, a questão determinante para o próximo ano será, sem qualquer dúvida, a evolução da

conjuntura mundial. Examinadas neste final de 1997, as perspectivas para o próximo ano não são animadoras. De fato, dos três grandes "motores" da economia mundial (Estados Unidos, Japão e Alemanha), dois enfrentam problemas. Os nipônicos passam por séria crise financeira, cujo desfecho é imprevisível. Os alemães amargam um déficit em seu orçamento para o próximo exercício fiscal de nada menos do que US\$ 100 bilhões, ainda por conta da reunificação do país.

Coloca-se, portanto, a pergunta: de onde virá o capital estrangeiro (de risco, é óbvio) tão necessário para financiar as grandes obras de modernização da infra-estrutura? As melho-

res chances apontam para a possibilidade de o governo conseguir atrair para cá parte dos eurodólares antes aplicados na região do Sudeste Asiático. Tarefa nada fácil. Não foi outro, aliás, o motivo da recente viagem de FHC à Inglaterra, um dos mais atuantes centros financeiros recicladores de tais recursos.

Se o País tiver sucesso nessa empreitada, usando a aceleração do cronograma das privatizações (as estatais dos setores elétrico e de telecomunicações, além das parcerias no petróleo e na petroquímica), o cenário para 1998 tenderá a não ser muito diferente daquele vivido ao longo deste ano. E em tal contexto as eleições ocorrerão num clima am-

plamente favorável ao governo, que até poderá aproveitar a oportunidade para dar uma demonstração de força do Plano Real.

Caso contrário, o governo terá de fazer um acompanhamento rigoroso da evolução da conjuntura internacional para tomar medidas mais ou menos duras, de acordo com a aproximação das eleições. No início do ano, de janeiro a março, provavelmente, limitar-se-á apenas a calibrar o grau da recessão. Depois, virão a privatização a toque de caixa e, por último, e a contragosto, a desvalorização do real.

É necessário acrescentar que a credibilidade duramente obtida ao longo de três anos e meio de Plano

Real será mais ou menos afetada de acordo com as mudanças que o governo tiver de fazer. Quanto maiores elas forem, menor será a disposição da iniciativa privada – local e de fora – para investir. A tendência, nesse caso, será a de adiar os grandes investimentos para 1999, já vencida a etapa das eleições.

Quaisquer que venham a ser os cenários para o próximo ano, todavia, a sociedade e a nação esperam que o governo mantenha coerência mínima visando à permanência – e, se possível, à eventual simplificação – de regras estáveis. ■

* Presidente da Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB).